



A REMINISCÊNCIA DE UMA BURGUESIA NEGRA EM ANGOLA E A RESISTÊNCIA DE VAVÓ XÍXI, OUTRORA CECÍLIA DE BASTOS FERREIRA

Marco Antonio Fuly

RESUMO

Este artigo mostra a reminiscência de uma burguesia negra que floresceu em Angola a partir da segunda metade do século XIX, mas que sofreu a falência financeira e o declínio social por conta da nova fase do colonialismo português que passou a vigorar no início do século XX. Colocando em relevo o quase desconhecido episódio da ascensão de negros e mestiços que, pela atividade comercial de pequena extensão, galgaram relativo prestígio, apontaremos as motivações que levaram este grupo à ruína. Por outro lado, no plano literário, será mostrado o sentimento de quem passou por esse processo. No conto Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos, o escritor José Luandino Vieira, retoma esta breve parte da História e transforma em ficção um fato real que lhe chegou aos ouvidos. Deste modo, na premiada obra Luuanda, ele cria uma narrativa tensa, dolorida e comovente, na qual realça a força, a resiliência, a resistência e a sabedoria de vavó Xíxi, outrora, Dona Cecília de Bastos Ferreira. Esta, uma legítima representante da falida burguesia negra, cuja vida encontra-se em estado de miséria absoluta. Contudo, a despeito do infortúnio dessa guardiã da cultura ancestral africana, a cena literária destaca o seu humor, a sua esperança e o seu protagonismo.

PALAVRAS-CHAVE: reminiscência; burguesia; História; ficção; esperança.

ABSTRACT

This article shows the reminiscence of a black bourgeoisie that flourished in Angola starting from the second half of the nineteenth century, but which suffered financial collapse and social decline due to the new phase of Portuguese colonialism that came into force in the early twentieth century. Putting into relief the almost unknown episode of the rise of blacks and mestizos who, on account of the commercial activity of small extension, obtained relative prestige, we will point out the motivations that led this group to ruin. On the other hand, on the literary plane, the feeling of those who went through this process will be shown. In the story of Vavó Xíxi and

his grandson Zeca Santos, the writer José Luandino Vieira takes up this brief part of History and then turns into fiction a real fact that came to his ears. Thus, in the award-winning work *Luuanda*, he creates a tense, painful and moving narrative in which he emphasizes the strength, resilience, endurance and wisdom of grandmother Xíxi, once Mrs. Cecilia de Bastos Ferreira. This one was a legitimate representative of the failed black bourgeoisie, whose life is in a state of complete misery. However, in spite of the misfortune of this guardian of the African ancestral culture, the literary scene highlights its humor, hope and protagonism.

KEYWORDS: reminiscence; bourgeoisie; History; fiction; hope.

Até os anos de 1950, ainda ecoava em Angola a reminiscência de uma burguesia negra, a qual, passados os anos de sua marcante representação no espaço urbano, amargou a decadência financeira e o declínio social. Os dois infortúnios, há muito fomentados pelos grupos dispostos a barrar a ascensão dos indivíduos negros dentro do regime colonial, acentuaram-se com a implantação dos novos ditames da administração portuguesa naquele país. Tomemos o início do século XX, então, como o momento em que os ataques àquela classe ficaram mais intensos. Destaca-se nesse episódio infeliz da história de Angola a gestão do Alto Comissário, Norton de Matos.

Esse gestor, um colonialista convicto, administrou a colônia angolana em dois momentos: de 1912 a 1915 e de 1921 a 1924. Ele exerceu os seus mandatos com total autoritarismo e disposição para impor as mudanças que julgava necessárias. Na prática, seu intuito era fazer valer os interesses da metrópole a qualquer custo. Segundo ele, “Portugal sem as suas colônias deixará de ser uma Nação” (*apud* MOURÃO, 1978). Norton, assim, proporcionou uma série de medidas que vieram a favorecer diretamente a vida dos colonos portugueses em Angola. Por outro lado, entretanto, tais medidas prejudicaram substantivamente a vida dos colonizados. Não obstante, acredita-se às ações do Alto Comissário o resultado do sensível distanciamento entre os indivíduos negros e brancos. Dito de outra maneira, até então, a despeito do convívio dentro do mesmo território, obviamente motivado pelas variadas circunstâncias que lhes aproximavam, africanos e europeus, gradativamente, passaram a se conceber como estranhos uns aos outros. O resultado disso foi que, em pouco tempo, o estranhamento étnico revelou uma das faces mais cruéis desse novo formato da colonização: a intolerância racial. Mas cabe lembrarmos que, mesmo veladamente, o racismo do europeu sempre existiu. Em alguns momentos ele foi mais áspero, em outros, mais ameno. No avanço da inter-relação, como mostra a História – endossada por alguns relatos, ou mesmo a Literatura –, o continente africano jamais deixou de ser discriminado pelo ocidente. O desejado ambiente de tolerância, desde os primeiros contatos com o velho mundo, reservou-se à esfera da utopia; salvo os episódios pontuais, nunca foi alcançado. A realidade dos dois mundos, diferentes em praticamente todas as possibilidades de comparação, destacou-se mais pela marca da oposição do que pela aproximação. Neste sentido, o que se testemunhou na África lusófona, na tão complexa relação entre colonizador e colonizado, não se encaixa em qualquer forma de compreensão. Sem exagero, deu-se a barbárie racial acobertada pelo discurso institucionalizado da colonização. Não há dúvida, a respeito deste assunto, as pesquisas históricas ainda têm muito a nos revelar.

Retornando ao tema inicial, as circunstâncias em Angola, na segunda metade do século XIX, foram bastante favoráveis para o surgimento da burguesia negra. Esta elite, digamos assim, for-

mou-se essencialmente pela marcante presença de angolanos negros e mestiços habilitados nos negócios de pequenas vendas. Atuando nos limítrofes das cidades, logo nos momentos seguintes à abolição do tráfico negreiro, em 1836, esse grupo de comerciantes locais começou a ganhar projeção social. A motivação de sua existência, na época, justificou-se pelo vazio deixado pelos colonizadores, que não tinham interesse em se envolver com as atividades de menor ventilação financeira. A partir da proibição do comércio de escravos, os negociadores europeus que atuavam neste segmento dentro da África se viram obrigados a fomentar outras práticas econômicas iguais ou mais lucrativas. O caminho então ficou aberto para que alguns dos naturais da terra pudessem desenvolver atividades comerciais de pouca extensão, já que a quantidade de indivíduos brancos nas colônias, naquele período, era bastante reduzida. Mourão interpreta esse período da seguinte forma:

Foi a fase áurea do processo de mestiçagem, em que mestiços e negros dividiam entre si uma parte das posições sociais, a par da minoria de brancos que habitavam circunstancialmente ou, em porcentagem menor com permanência, a capital angolana. O pequeno comércio, a par de boa parte dos cargos mais humildes e intermediários da administração colonial, estava nas mãos de negros e mestiços (MOURÃO, 1978, p. 14-15).

Essa pequena burguesia negra acumulou recursos através de um tipo de prática de comércio que não interessava à elite branca de Angola. E, dada a condição de paridade social com a “minoridade de brancos que habitavam circunstancialmente” aquele território, atraiu para si a projeção de elite negra. No entanto, havia mais duas burguesias no mundo colonial: a média e a grande. Estas, mais adiante no processo colonial, tomariam o espaço que aquela havia ocupado. No capítulo intitulado *Desenvolvimento da colônia até ao fim do período da resistência*, o Grupo de Trabalho História e Etnologia (1965) reporta-se à atuação dessas outras elites – a média e a grande – dentro da administração colonial. Segundo este grupo (doravante GTHE), os interesses financeiros e os consequentes prestígios sociais ligavam as duas burguesias brancas aos negócios nas fazendas de cultivos de cana-de-açúcar, de café e de algodão, bastantes valorizados naquela ocasião. O GTHE cita também que alguns representantes dessas burguesias aventuravam-se em caravanas comerciais empreendidas pelo interior do território angolano, de onde se negociavam marfim, borracha, produtos agrícolas e até mesmo, de maneira clandestina, mão de obra escrava. Mas, como vimos, as novas orientações coloniais no início do século XX foram também a oportunidade de a média e a grande burguesia distanciarem-se da burguesia negra. Assim, a curta duração da paridade social observada por Mourão, em que negros e brancos experimentaram a possibilidade de uma convivência, pelo menos, respeitosa, deu claro sinal de instabilidade. Antes mesmo da segunda metade do século XX, a relação colonizador/colonizado ganhou novos contornos. Emergiu na colônia angolana a medição de força entre as burguesias. E, como bem pontua o dito popular a respeito do lado em que a corda arrebenta, o lado mais fraco da disputa, o do colonizado, sucumbiu. Neste sentido, a chegada de Norton de Matos na cena colonial serviu claramente para ratificar que a burguesia negra angolana fora preterida pela burguesia branca dentro da sociedade angolana. Os pormenores da ruptura, que pôs fim ao ambiente pacífico entre as duas etnias que outrora conviviam, ficam um pouco mais esclarecidos na análise do GTHE:

Por outro lado, para que os monopólios tivessem o campo livre foi preciso aos colonialistas tomarem medidas para que as pequenas e médias burguesias coloniais

não se elevassem à grande burguesia e foi preciso que os elementos africanos que faziam parte da burguesia que nascera perdessem o seu lugar na administração, na cultura, na produção, isto é, que passassem a ser um grupo social pouco mais abastado que os africanos em geral, mas reprimido, desunido e incapaz de fazer reivindicações (GTHE, 1965, p. 160).

Como se vê, foi o receio da ascensão dos comerciantes negros e mestiços que gerou nos colonialistas o desejo de diminuir os seus espaços de atuação. Sem força política e distanciada pela representação administrativa, a *pequena burguesia negra* perdeu gradativamente o lugar de atuação no mundo colonial. Com efeito, na metade do século XX, o que se tem em Angola, com relação àquele momento de glória da elite negra, é a memória de algumas personagens que dele participaram ou ouviram de alguém. Portanto, o apogeu do passado, que conferiu o status de elite a um seleto grupo de negros e mestiços, diluiu-se nas páginas da História. O retorno ao episódio, eclipsado pela generalização dos fatos, requer apuração mais minuciosa. Sendo assim, resta-nos entender que a reminiscência que ecoava em Angola revela o zelo africano em preservar, na narrativa da memória coletiva, o seu ponto de vista sobre o ocorrido.

O premiado escritor angolano, José Luandino Vieira, retorna à história da burguesia negra e sua bancarrota, ao destacar na ficção a experiência real de Vitória. Esta senhora, a quem ele atribui o nome de vavó Xíxi, ao que parece, pertenceu a esse segmento social que floresceu e arruinou-se dentro do sistema colonial. Conforme nos esclarece o próprio autor:

Vavó Xíxi é um personagem verdadeiro. Chamava-se Vitória [...]. Em Luanda havia uma camada de angolanos, africanos, que tinham chegado ao comércio [...] durante os anos 20-30 e que, portanto, digamos que vavó Xíxi era uma senhora burguesa nacional. E o processo histórico fez com que ela progressivamente fosse destruída, se fosse proletarizando e, claro, até chegar àquela situação que é verdadeira, de depender, para matar a fome durante a semana, de uma refeição que um neto jovem, perdido numa cidade moderna como Luanda, tinha que angariar de qualquer maneira, inclusive deitando mão daquilo que a lei chamava delinquência, criminalidade (LABAN, 1980, p. 24).

A contento, a moderna literatura africana de língua portuguesa, investida do compromisso de escrever a nação, inseriu também na sua pauta a releitura da História. No caso de Angola, tais tendências, entre outras, se alinham à proposta deste artigo, que pontua o paradigma da resistência. Ao mesmo tempo, necessidade e vocação, a resistência, bem como a resiliência, destacam-se pelo desejo pulsante de municiar a narrativa com as experiências do natural da terra; este, verdadeira testemunha do martírio pelo qual passou o colonizado. Dito de outra maneira, a moderna narrativa angolana buscou privilegiar a história vivida e sentida pelo povo; colocou o seu cotidiano na pauta e lhe deu voz. Deste modo, aquilo que o discurso oficial optou por negar, a literatura se propõe a valorizar. Os escritores que fazem parte deste período mesclaram-se nas histórias que escreveram, fazem parte delas. Mais ainda, eles não se esquivaram da responsabilidade de imprimir a identidade do país: a identidade assentada na cultura angolana. Ou seja, aquela que, negando as marcas dos valores ocidentais do colonizador europeu, se alinha na orientação da matriz ancestral africana.

José Luandino Vieira, seguindo a sua “vocação de narrar”, como declarou a Michel Laban, em 1970, elegeu esse capítulo da história de seu país, entre tantos outros que lhe chegaram ao conhecimento, e o redimensionou pelo exercício da literatura. O resultado é uma obra-prima. O escritor em questão habilmente revisita ficcionalmente o que se passou em Angola, após a der-

rocada da burguesia negra, e nos presenteia com o conto *Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos*. Esta narrativa é uma das três histórias que compõem o também premiado livro, *Luuanda*, publicado inicialmente em 1964.

Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos é um conto complexo, tanto na proposta estética, como na estruturação da linguagem. Como em várias outras nativas luandinas, o hibridismo entre o idioma português e o código linguístico bantu presenteia o leitor com uma linguagem literária autônoma, desafiadora, rara. Na história em si, nos deparamos com a comovente situação de Dona Cecília de Bastos Ferreira, a vavó Xíxi. Negra, viúva de um rico comerciante, o mulato Bastos Ferreira, esta personagem, outrora pertencente à burguesia negra angolana, perdeu toda a sua condição econômica e passou a residir, com o neto Zeca Santos, numa cubata no interior do musseque, em Luanda.

Provavelmente, a história de vavó Xíxi se passa nos anos de 1940 ou um pouco mais tarde. A narrativa evoca o estado de penúria e dor a que chegaram os ex-comerciantes negros e mestiços dentro do mundo colonial. Nos tempos áureos da sua trajetória de vida, dona Cecília, como era conhecida, morava com o marido no bairro Coqueiros, “em casa de pequeno sobrado, com discípulas de costura e comidas, com negócio de quitanda de panos, [era] gorda e suada, sentindo o bom vento do abano que Maria está abanar” (p. 24-25).

A ex-quitandeira, abastada e bem-quista, que chegou a ter empregada para lhe abanar, passou a residir em local insalubre, onde, em dia de chuva, “as paredes deixavam escorregar barro derretido” (p. 17). Outrora gorda e suada, a “cara dela [agora é] magra e chupada de muitos cachimbos” (p. 18). O contraste entre o passado glorioso e o presente decadente mostra-nos o quanto a *pequena burguesia negra* foi atingida em cheio pelo intento dos colonialistas. A anulação da representatividade do negro e do mestiço configurou na impossibilidade da ameaça ao poder imposto e, por extensão, afastou o receio da ascensão e do compartilhamento da economia. Todos os esforços da administração colonial, quer através de suas agências, quer pela utilização de armas, foram empregados nesse propósito. Não obstante, os incentivos à imigração em massa de portugueses de pouco poder aquisitivo para Angola, com o argumento de que tal ação resultaria na oportunidade de sustentar a família, e, como já destacamos, as próprias reformas político-administrativas implantadas a partir da gestão do comissário Norton de Matos, a partir da primeira década do século XX, também surtiram expressivos efeitos.

Assim, ao levar para a pauta literária a história verdadeira de Vitória, a quem é conferido na ficção o nome de Dona Cecília de Bastos Ferreira, o escritor angolano colocou em relevo a resistência do povo de Angola. A despeito do passado glorioso, degradado pelo processo colonial, a capacidade de resistir, para não sucumbir, sobressai na narrativa como um legado dentro daquele contexto de opressão. Percebemos isso na estrutura emocional da própria vavó Xíxi; trata-se, sem dúvida, de uma personagem psicologicamente muito forte. Admira-nos que, mesmo depois de perder o marido, a riqueza, o conforto, a residência ampla e o prestígio social, ela encontrou forças e bom humor para seguir a vida: “Vavó Xíxi Hengele, velha sempre satisfeita, a vida nunca lhe atrapalhava, descobria piada todo o dia...” (p. 21). A sua satisfação não era porque tudo ia bem. Pelo contrário, sua vida estava em absoluta miséria. Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos não tinham o que comer! Aliás, este tema dentro desse conto, por si só, despenderia uma sequência de reflexões. Basta reportarmos à análise do *processo histórico*, como recorda José Luandino Vieira, que fez com que a

burguesia nacional fosse progressivamente destruída. Porém, frente a este quadro de desalento, a resiliência angolana se fez traduzir na figura de uma senhora magra e espirituosa. Vavó Xíxi era uma guardiã da cultura ancestral africana, a autoridade moral e espiritual dentro do musseque. Logo, uma senhora profundamente admirada neste lugar. Todos a ouviam e respeitavam. “A curiosidade, essa mania de vavó saber mesmo tudo como era, de pôr sempre sua fala, sua sentença, sua opinião dela saía logo-logo [...]” (p. 29). Quando o país passou por um período longo de estiagem, foi ela quem renunciou o momento em que a chuva cairia e “toda a gente deu razão em vavó Xíxi: ela tinha avisado, antes de sair embora na Baixa, a água ia vir mesmo” (p. 15). O que ela dizia tinha peso de lei naquele lugar: “Vavó Xíxi tinha avisado, é verdade, e na sua sabedoria de mais-velha custava falar mentira” (p. 16). O estado de miséria que lhe acometia não era obstáculo para o seu valor de ânsia sábia dentro daquele território, o musseque.

Outro ponto que se destaca em vavó Xíxi é a sua coragem. Quando o seu neto ousou falar mentira para ela e levantar-lhe a voz, a pequena senhora se agigantou diante dele com toda a sua autoridade de mais-velha; Zeca Santos, calado, apequenou-se:

[Vavó Xíxi] tinha se levantado, parecia as palavras punham-lhe mais força e juventude e ficou parada na frente do neto. A cabeça grande do menino toda encolhida, via-se ele estava procurar ainda uma desculpa melhor que todas desses dias que vavó adiantava xingar-lhe de mangonheiro ou suinguista [...] (p. 18).

Em outro momento, vavó Xíxi relembra a coragem que teve no dia em que rebateu os argumentos do agente de segurança do estado, na ocasião em que este fora prender o seu marido: “... Su-kuama! Mas ninguém mesmo que me diz quando vai sair, nem nada. Falei no chefe, jurei mesmo meu homem não é terrorista, não senhor, dormia comigo sempre na cama, como é estava andar em confusões e essas coisas que eles querem?...” (p. 28). Vavó Xíxi, com toda a sua história de perdas e dor, conseguiu resistir para não sucumbir. Mulher de espírito elevado, desenvolveu a capacidade de não se deixar abater com as circunstâncias. Com a sua aparência de pessoa frágil, debilitada pela falta de alimentação, ousou desprender-se da realidade massacrante e encarou com humor a necessidade eminente. Por meio dela, podemos entender a maneira como José Luandino Vieira retratou a resistência e a resiliência do povo angolano. Mais ainda, como estas habilidades, por assim dizer, serviram de instrumentos de preservação identitária, uma vez que mantiveram muitos indivíduos firmes diante das intenções do colonizador em promover a desqualificação do ente colonizado. Vavó Xíxi, assim, configura-se como um arquétipo dentro do sistema colonial. É a referência do seu neto e dos habitantes do musseque, o território que se impõe como preservação da cultura ancestral africana. Vavó Xíxi, portanto, dentro desse topônimo, representa o legado cultural do seu povo. Concordando com Cármen Tindó Secco, ela, na condição de ânsia, tem o conhecimento ancestral.

Os velhos têm um papel importante na filosofia africana: são os guardiões da memória, os gliots, ou seja, os velhos contadores de histórias que passam aos mais jovens a tradição e os conhecimentos ancestrais (SECCO, 2008, p. 62).

Seguramente, são muitas as histórias que José Luandino Vieira ouviu ou testemunhou desde que chegou ao musseque, acompanhado de seus pais, quando tinha pouco mais de três anos de idade. Naquele lugar, passou a infância, a adolescência e a juventude, desde a primeira metade da década de 1930. Logo, estamos a analisar a obra de um escritor totalmente inserido no mundo

africano. Assim sendo, ao destacar os atributos culturais e a representatividade de vavó Xíxi para com a sua comunidade, o autor confere à sua narrativa uma característica de depoimento, já que o musseque, onde ele mesmo viveu, sempre se alçou como espaço de resistência e preservação identitária. Lá residem a memória, o canto, os contos, as adivinhas, as brincadeiras, as divergências, as línguas nativas, a identidade e toda a tradição do povo de Angola.

Zeca Santos, o neto de vavó Xíxi, é o oposto de sua avó. Jovem, desempregado e inquieto, a questão da fome e a falta de perspectiva mexem bastante com o seu emocional: “– Vamos comer é o quê? Fome é muita, vavó! De manhã não me deste meu matete. Ontem pedi jantar, nada! Não posso viver assim...” (p. 18). Não se sabe qual foi a circunstância que o levou a morar com a avó, mas a narrativa menciona a existência de seu pai, que se encontrava preso: “[Zeca Santos] só pensava em bailes e nem respeito mesmo no pai, longe, na prisão, ninguém mais que ganhava para a cubata [...]” (p. 18). Este rapaz, Zeca Santos, é uma personagem totalmente desajustada socialmente, comete pequenos delitos para sobreviver. A respeito dele, José Luandino Vieira comenta: “[É um jovem] perdido numa cidade moderna como Luanda, tinha que angariar de qualquer maneira, inclusive deitando mão daquilo que a lei chamava delinquência, criminalidade” (*apud* LABAN, 1980, p. 24). Sua trajetória é marcada pelas desventuras. Irresponsável, gastava o dinheiro que ganhava em coisas e diversões fúteis. É o que deduzimos pela bronca que leva da vavó Xíxi: “Todos dias nas farras, dinheiro que você ganhaste foi na camisa e agora vavó quero comer, vavó vamos comer é o quê?! Juízo, menino!” (p. 19). Sua atitude de delinquir, ainda que negasse, lhe causava transtornos sociais, como a surra que levou do branco sô Souto. Para a avó, Zeca Santos apresenta outra versão: “– ... me arreou-me não sei porquê então, vavó! Não fiz nada! Quando eu fugi, ficou me gritar ia pôr queixa no Posto, eu era gatuno como o Matias que andava lhe roubar o dinheiro da gasolina quando estava trabalhar lá...” (p. 21).

Negro, pai preso, meliante, Zeca Santos herda todos os estigmas do fracassado social. A considerar o mundo colonizado no qual vivia, esta personagem é uma figuração do quão danoso à alma do angolano foi o *processo histórico* iniciado lá nas primeiras décadas do século XX. No contexto da narrativa, seu avô, o bem-sucedido comerciante Bastos Ferreira, não poderia prever o que as diretrizes políticas do seu tempo, que já impunham limites à progressão econômica dos negros e mestiços, trariam de dano à sua descendência. Sua esposa, outrora Dona Cecília de Bastos Ferreira, ainda guardava o resquício do tempo de fartura na memória:

Mas essas ideias, aparecidas durante o sono, não querem lhe deixar, agarram na cabeça velha, não aceitam ir embora, e a lembrança dos tempos do antigamente não foge: nada que faltava lá em casa, comida era montes, roupa era montes, dinheiro nem se fala... (p. 26-27).

Todavia, o neto do senhor Bastos Ferreira, Zeca Santos, tornou-se um predestinado ao infortúnio: a avó está na miséria, o pai distante e preso, e ele flagelado. A dura realidade que se apresentava a eles todos exigia-lhes forças para não sucumbir. Mais do que nunca, resistir a dor da fome – e outras dores – era preciso! Não gratuito, o final do conto é comovente. Neto e avó – ele encostado ao ombro dela, local de aconchego ante a uma realidade tão dura – se permitem dividir o que de mais humano lhes resta: o consolo familiar. Zeca Santos, ali, desprende-se a *chorar um choro de grandes soluços*, conforme a descrição do narrador. Um choro que traduz o sentimento de quem está retido na impotência de nada poder fazer para mudar os rumos da circunstância. Ao mesmo tempo, esse choro não traz consigo nenhuma outra marca – por exemplo, a vontade

de morrer –, é simplesmente um choro de quem, no dia seguinte, tem que continuar a viver. Resistir!

[...] Depois, nada mais que ele podia fazer já, encostou a cabeça no ombro baixo de vavó Xíxi Hengele e desatou a chorar um choro de grandes soluços parecia era monandengue, a chorar lágrimas compridas e quentes que começaram correr nos riscos teimosos as fomes já tinham posto na cara dele, de criança ainda (p. 51).

Fica bem claro que a dor da fome e a degradação social do colonizado são as pautas condutoras do conto *Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos*. Ao revisitar o processo histórico, que mostra como se deu a destruição das aspirações do negro e do mestiço no mundo colonial a partir dos anos 20 e 30 do século XX, a narrativa luandina lança luz na resistência de vavó Xíxi e no flagelo social de seu neto Zeca Santos. O percurso dessas personagens e a densidade desse conto ratificam a análise que José Luandino Vieira faz dos danos sociais desse processo na vida dos que viram seus negócios ruírem e, também, na vida das gerações seguintes. Estas, por extensão da conjuntura político-ideológica fomentada pela elite branca na colônia, já nasceram sob o signo da opressão. O *choro de grandes soluços* de Zeca Santos ao ombro de sua avó mostra-nos bem a dimensão do que representou tudo aquilo.

José Luandino Vieira escreveu esta obra de dentro da prisão, onde estava encarcerado há dois anos, em 1963. *Luuanda* foi publicado em 1964 e neste mesmo ano recebeu o prêmio literário Mota Veiga (em Angola); no ano seguinte, 1965, foi contemplado com o Grande Prêmio de Novelística da Sociedade Portuguesa de Escritores (em Portugal). A alegria da publicação e da premiação do livro contrastava com o ambiente tenso que se via em Angola na década de 1960. Nessa ocasião, conforme o escritor relata em um de seus cadernos, datado de 31 de julho de 1964, o escritor estava em vias de ser transferido para o presídio em Cabo Verde. Confiante em suas convicções e mantendo-se em postura de resistência contra o regime colonial, escreve:

Encerro aqui esta parte do diário. Agora outra fase se iniciará com esta viagem e depois a permanência em Cabo Verde. Voltarei vivo? Morto não posso voltar... Parto calmo e confiante no futuro. Tenho a K [esposa], o Xexe [filho], a minha terra, o meu povo e uma luta que é uma das últimas em prol da futura vida nova no nosso planeta. Possa eu, agora, em 1964, Angola, África, ser digno sempre desses homens futuros (VIEIRA, 2015, p. 540).

Como se observa, a resistência foi um tema caro a Luandino Vieira. Preso desde 1961 sob acusação de terrorismo, ele manteve-se ativamente combativo através de sua obra. Aliás, a maior parte da sua produção literária ocorreu dentro dos presídios pelos quais passou ao longo dos doze anos de sua condenação. Com as notícias das premiações de *Luuanda* – ainda hoje considerada pela crítica a mais importante da sua bem-sucedida carreira de escritor –, chegavam também os tristes relatos da luta pela independência de Angola. O confronto armado, iniciado em 1961, demonstrou a disposição do povo em resistir. Em contrapartida, a austeridade do regime autoritário português pesou a mão sobre a colônia, principalmente nos musseques e no campo. Era, de fato, tempo de resistir e lutar! Luandino Vieira tinha certeza disso. Como disse, lutava *em prol da futura vida nova no nosso planeta*. Ele mesmo precisava resistir à dor de ser afastado da esposa, do Xexe (seu filho de apenas três anos de idade, na ocasião), dos familiares e dos amigos. Sua escrita, ao mesmo tempo, arte e arma, provava para o mundo que era relativamente fácil manter o homem aprisionado, mas absolutamente impossível reter as suas ideias. Literalmente,

José Luandino Vieira consolidou-se, até 1972 – quando ganhou o direito à liberdade condicional, em Lisboa –, como um escritor preso portador de uma escrita livre. A respeito da sua obra, Rita Chaves (1999) comenta:

No plano da narrativa, surge, então, a obra de José Luandino Vieira, que, ao assinalar uma mudança de perspectiva no ato de narrar, provoca alterações extraordinárias no interior do sistema literário angolano. Em sua obra, o poderoso lastro da experiência se vai enformando e o texto literário faz-se espaço onde se transfiguram produtivamente as sombras da realidade concreta. Com um excepcional trabalho de depuração da linguagem, ele mistura as pontas de uma identidade em conquista e consegue abstrair a circunstância imediata dos domínios do cotidiano para convertê-la em material estético (CHAVES, 1999, p. 159).

Dessa feita, a história da senhora Vitória que chegou ao conhecimento de Luandino Vieira foi como um alento à sua vocação de narrar. Ao transformá-la em ficção, o escritor levou para a cena literária a experiência de vida de uma personagem que fez da resistência a sua credencial. É o que se pode chamar de *sombras da realidade concreta* (CHAVES, 1999). Naquele contexto, a narrativa luandina, como a de outros escritores,

exigia um novo pacto, que, assumido no encontro do homem com a História, precisava banir qualquer apego ao saudosismo passadista, sem, no entanto, renunciar à energia transformadora guardada em suas raízes (CHAVES, 1999, p. 158).

Por vários mecanismos, a pequena burguesia negra foi perdendo seus espaços de convivência e suas economias no mundo colonial. As consequências, como ilustra a pauta literária, foram desastrosas. Com essa obra, na qual José Luandino Vieira torna viável o *encontro do homem com a História*, observamos o ponto de vista de quem foi vítima das intenções imperialistas da elite burguesa branca. Assim, percebemos, sem *qualquer apego ao saudosismo passadista*, o quanto as versões oficiais sobre a história de Angola deixaram lacunas. Um exemplo, o conto em questão já nos mostra. Vavó Xíxi, então Dona Cecília Bastos Ferreira, insurge-se contra o agente do estado para defender o marido da acusação de terrorismo. No seu argumento, apelou para o fato de que dormia com o cônjuge na mesma cama, logo, o conhecia na intimidade, no seu caráter. Afirmou que *seu homem* não era dado a confusões. Essa acusação do agente foi uma das manobras do sistema colonial para incriminar inocentes. O mulato Bastos Ferreira foi preso. O pai de Zeca Santos, mais tarde, também. E, na sequência da narrativa, vemos o martírio de uma avó e seu neto, marginalizados naquela sociedade excludente, e tendo que resistir para não perecerem.

Para concluir, não é redundante afirmar que o território angolano nos anos 60 passava por intensas agitações. Não só no contexto histórico-social, como vimos. Na esfera íntimo-emocional, o autor, por motivos diversos, atravessava tormentas incessantes. Em anotação de 03 de fevereiro de 1964, ele cita:

Tenho andado um pouco deprimido. Noto que gradualmente me encerro cada vez mais em mutismo devido a esta situação de isolamento em que vivo. E quanto mais sozinho mais dado a pensamentos idiotas que me vêm da depressão e que a originam e fazem avançar (VIEIRA, 2015, p. 432).

No conjunto das circunstâncias, as questões externas e internas municiam a sensibilidade artística. A escrita, então, livre e revestida da estética que lhe é peculiar, apropriou-se da *energia transformadora guardada em suas raízes*. José Luandino Vieira, com destacada perícia, utilizou-se, como matéria-prima, dos fatos que marcaram a si mesmo, seu país, a África e o mundo. Com

tamanha inspiração e inventividade artística, foi capaz de colocar a arte literária angolana em diálogo com os signos universais. É neste sentido que, longe de reduzir a obra à simples observação e à experiência do autor, *Luuanda* se alça como celebração à resistência do povo de Angola. A resiliência de vavó Xíxi, a mais-velha sábia que conduzia com humor atípico as mazelas daquela realidade de fome e dor, confere força a esta narrativa. Força que a personagem demonstrou na defesa de seu marido ante ao agente do estado português. A considerar a sua condição de mulher e negra, naquele tempo de autoritarismo e repressão, sua ousadia transcendeu o limite da subserviência. Sua coragem, no entanto, não a poupou, tampouco a sua família, da condição de penúria; afinal, a administração colonial tinha toda a máquina do estado a seu favor. Contudo, a considerar a grandeza de alma dessa senhora, que colocou em evidência a disposição dela em não perecer, fica difícil aceitar que a história do grupo social que ela representava havia se encerrado. Pelo contrário, o advento da independência de Angola prova isso. Neste particular, tal como cita o Grupo de Trabalho História e Etnologia: “A História de Angola é, pois, a História da luta das massas angolanas contra o avanço do colonialismo, do capitalismo, do imperialismo e, portanto, da exploração do homem pelo homem” (p 179).

Referências

- CHAVES, R. *A formação do romance angolano*. São Paulo: Col. Via atlântica, 1999.
- Grupo de Trabalho História e Etnologia. *História de Angola*. Porto: Ed. Afrontamento, 1965.
- LABAN, M. *Luandino – José Luandino Vieira e a sua obra*. Col. Signos nº 32, Edições 70, Lisboa, 1980.
- MOURÃO, F. *A sociedade angolana através da literatura*. São Paulo: Ed. Ática, 1978.
- SECCO, C. T. *A magia das letras africanas*. Rio de Janeiro: Quartet Editora, 2008.
- VIEIRA, L. *Luuanda*. 2ª ed. Lisboa: Edições 70, 1981.
- _____. *Papéis da prisão – apontamentos, diário, correspondência (1962-1971)*. Lisboa: Ed. Caminho, 2015.